

Ernesto Bozzano

O Retorno de Oscar Wilde



Prefácio de Jorge Hessen

Ernesto Bozzano - Il ritorno di Oscar Wilde
Tipografia Dante, Città della Pieve
Roma (1925)



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS

www.autoresespiritasclassicos.com

Brasil (São Paulo)

(2016)

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Ernesto Bozzano
O Retorno de Oscar Wilde



Prefácio de Jorge Hessen



Ernesto Bozzano - Il ritorno di Oscar Wilde
Tipografia Dante, Città della Pieve
Roma (1925)



AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS
www.autoresespiritasclassicos.com
Brasil (São Paulo)
(2016)

Data da publicação: 27 de agosto de 2016

CAPA: Irmãos W.

REVISÃO: Irmãos W. e Jorge Hessen

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil



ERNESTO BOZANO
(1861 - 1943)

Nascido em Gênova, Itália, no ano de 1861, e desencarnado na mesma cidade, no dia 7 de julho de 1943.

Trabalhando catorze horas diárias, durante cinquenta e dois anos; um estudo profundo que, se enfeixado num livro de tamanho médio resultaria num volume de 15.000 páginas; prolongadas e meticulosas pesquisas com o valioso concurso de 76 médiuns; nove monografias inconclusas, essa a folha de serviço de um dos mais eruditos pensadores e cientistas italianos. Seu nome: Ernesto Bozzano.

Cumpra aqui registrar também que Bozzano, com apenas 16 anos de idade, já se interessava por temas abrangendo assuntos filosóficos, psicológicos, astronômicos, ciências naturais e paleontológicos. Além disso, desde a sua juventude, sentia inusitada atração para os problemas da personalidade humana, principalmente os que conduziam às causas dos sofrimentos, a finalidade e a razão da vida humana.

Numa época quando o Positivismo de Augusto Comte empolgava muitas consciências, Bozzano passou a engrossar suas fileiras, demonstrando nítida inclinação por todos os ramos do saber humano e entregando-se, resolutamente, ao estudo das obras dos grandes filósofos de todas as épocas. Dos postulados positivistas gravitou para uma forma intransigente de materialismo, o que o levou a proclamar, mais tarde: Fui um positivista-materialista a tal ponto convencido, que me parecia impossível pudessem existir pessoas cultas, dotadas normalmente de sentido comum, que pudessem crer na existência e sobrevivência da alma.

Nos idos de 1891, recebeu do professor Ribot, diretor da Revista Filosófica, a informação sobre o lançamento da revista Anais das Ciências Psíquicas, dirigida pelo Dr. Darioux, sob a égide de Charles Richet. A sua opinião inicial sobre essa publicação foi a pior possível, dada a circunstância de considerar verdadeiro escândalo o fato de representantes da Ciência oficial levarem a sério a possibilidade da transmissão do pensamento entre pessoas que vivem em continentes diferentes, a aparição de fantasmas e a existência das chamadas casas mal-assombradas.

Nessa mesma época, o professor Rosenbach, de S. Petersburgo (atual Leningrado), publicou violento artigo na "Revista Filosófica", situando-se numa posição antagônica à introdução desse novo misticismo no domínio da psicologia oficial. Na edição subsequente, o Dr. Charles Richet refutou, ponto por ponto, as afirmações de Rosenbach, as quais reputava errôneas, mostrando em seguida as suas

conclusões lógicas sobre a matéria. Esse artigo do sábio francês teve o mérito de diminuir as dúvidas de Bozzano.

Os últimos resquícios dessa dúvida foram completamente destruídos na mente de Bozzano, quando ele leu o livro "Fantasmas dos Vivos", de autoria de Gurney, Podmore e Myers. As dúvidas que alimentava sobre os fenômenos telepáticos foram assim completamente eliminadas. Dali por diante dedicou-se, com afinco e verdadeiro fervor, ao estudo aprofundado dos fenômenos espíritas, fazendo-o através das obras de Allan Kardec, Léon Denis, Gabriel Delanne, Paul Gibier, William Crookes, Russel Wallace, Du Prel, Alexander Aksakof e outros.

Como medida inicial para um estudo mais profundo, Bozzano organizou um grupo experimental, do qual participaram o Dr. Giuseppe Venzano, Luigi Vassalo e os professores Enrique Morselli e Francisco Porro, da Universidade de Gênova.

No decurso de cinco anos consecutivos, graças ao intenso trabalho desenvolvido, esse pequeno grupo propiciou vasto material à imprensa italiana e, ultrapassando as fronteiras da península, chegou a vários países, pois, praticamente havia-se obtido a realização de quase todos os fenômenos, culminando com a materialização de seis Espíritos, de forma bastante visível, e com a mais rígida comprovação.

O seu primeiro artigo intitulou-se "Espiritualismo e Crítica Científica", porém, o sábio levou cerca de nove anos estudando, comparando e analisando, antes de publicar as suas idéias. Polemista de vastos recursos, sustentou quatro acérrimas e importantes polêmicas com detratores do Espiritismo. A fim de pulverizar uma obra de ataque, publicada na época, fez editar um livro de duzentas páginas, o qual levou o título "Em Defesa do Espiritismo."

A primeira obra por ele publicada, com o fito de sustentar a tese espírita foi a "Hipótese Espírita e a Teoria Científica", à qual se seguiram outras não menos importantes: "Dos Casos de Identificação Espírita", "Dos Fenômenos Premonitórios" e "A Primeira Manifestação de Voz-Direta na Itália".

As seguintes obras de Bozzano foram vertidas para o português: "Animismo ou Espiritismo", "Pensamento e Vontade", "Os Enigmas da Psicometria", "Metapsíquica Humana", "A Crise da Morte", "Xenoglossia" e "Fenômenos Psíquicos no Momento da Morte".

O seu devotamento ao trabalho fez com que o grande sábio italiano se tornasse, de direito e de fato, um dos mais salientes pesquisadores dos fenômenos espíritas, impondo-se pela projeção do seu nome e pelo acendrado amor que dedicou à causa que havia esposado e que havia defendido com todas as forças de sua convicção inabalável.

Um fato novo veio contribuir para robustecer a sua crença no Espiritismo. A desencarnação de sua mãe, em julho de 1912, serviu de ponte para a demonstração da sobrevivência da alma. Bozzano realizava nessa época sessões semanais com um reduzido grupo de amigos e com a participação de famosa médium. Realizando uma sessão na data em que se comemorava o transcurso do primeiro aniversário de desencarnação de sua genitora, a médium escreveu umas palavras num pedaço de papel, as quais, depois de lidas por Bozzano o deixaram assombrado. Ali estavam escritos os dois últimos versos do epitáfio que naquele mesmo dia ele havia deixado no túmulo de sua mãe.

Durante os anos de 1906 a 1939, Bozzano colaborou intensamente na revista espírita "Luce e Ombra", escrevendo também centenas de artigos para as revistas do gênero, que se publicavam na Itália, França, Inglaterra e outros países.

Fontes: Paulo Alves de Godoy e Antonio de Souza Lucena - Personagens do Espiritismo

ÍNDICE

PREFÁCIO DA OBRA (JORGE HESSEN).....	07
OSCAR WILDE (BIOGRAFIA)	08
O RETORNO DE OSCAR WILDE (ERNESTO BOZZANO).....	11



"Nascer, morrer, renascer, ainda, e progredir sempre, tal é a lei"

Allan Kardec

O Codificador da Doutrina Espírita



PREFÁCIO DA OBRA

Travers-Smith, médium inglesa bem conhecida, escreveu um volume sob o título de *Psychic messages from Oscar Wilde* (Mensagens psíquicas de Oscar Wilde). Travers-Smith tornou-se, por sua vez, uma escritora classicamente excêntrica. Sua mediunidade era de natureza exclusivamente intelectual.

Sob o ponto de vista da identificação pessoal o texto das mensagens de Wilde constituía uma admirável reprodução fiel do estilo, da forma e da essência dos escritos por ele quando encarnado. Há um conjunto de provas de identificação pessoal baseado nas informações fornecidas pelo espírito Oscar Wilde relativamente à sua existência terrestre.

Todas as informações, que a investigação mostrou serem verídicas, eram absolutamente ignoradas dos médiuns e dos assistentes. Nas mensagens a intelectualidade de Oscar Wilde ressurgiu de um modo literalmente completo, com todas as suas qualidades e todos os seus defeitos. Nota-se nestes últimos o timbre que tinha no seu temperamento de homem e escritor. Vê-se, efetivamente, sobressair neles a estima, sem limites, que votava a si mesmo, como autor, o desprezo injustificado pelas produções literárias dos outros e a maneira cáustica, zombeteira e impenitente com a qual os desbancou.

Bem parece que Oscar Wilde não perdeu nada do seu orgulho e do seu egoísmo, mas lastima, por vezes, da perturbação que sofreram os seus sentidos e da falta de luz e de cor.

Travers-Smith observa que nenhum dos casos de identificação pessoal, de que ela tem conhecimento, teve, sobre a sua pessoa, uma influência tão eficaz como o de Oscar Wilde, para levá-la a acolher a explicação espírita dos fatos, pois dificilmente se encontrará um exemplo tão completo e circunstanciado em favor da tese da sobrevivência da alma.

Enfim, apesar da aversão dos ignorantes e repulsa a tudo o que é novo ou contém novidade o que se quer demonstrar, pelo método científico, a existência e a sobrevivência da alma, deve ser absolutamente análogo ao que se pede para se chegar à demonstração científica de uma outra hipótese qualquer, pertencente a qualquer outro ramo do saber humano.

Deve-se, então, admitir que, se um caso análogo ao Wilde (convergência de provas), a favor de uma dada hipótese (imortalidade), se verificou em outro ramo do saber humano, não se poderá deixar de proclamar logo a validade inabalável da hipótese discutida (comunicação dos mortos), o que equivale a reconhecer o pleno direito científico de concluir no mesmo sentido, afirmando que o caso de Oscar Wilde traz uma outra jóia esplêndida para o colar precioso de provas experimentais, da existência e da sobrevivência da alma.

São Paulo, 27 de agosto de 2016
Jorge Hessen



OSCAR WILDE **(1854 - 1900)**

OSCAR FINGAL O'FLAHERTIE WILLS WILDE, OU SIMPLEMENTE OSCAR WILDE (DUBLIN, REINO UNIDO DA GRÃ-BRETANHA E IRLANDA, ATUAL REPÚBLICA DA IRLANDA)

Foi um influente escritor, poeta e dramaturgo britânico de origem irlandesa. Depois de escrever de diferentes formas ao longo da década de 1880, tornou-se um dos dramaturgos mais populares de Londres, em 1890. Hoje ele é lembrado por seus epigramas e peças, e as circunstâncias de sua prisão, que foi seguido por sua morte precoce.

Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde nasceu na cidade de Dublin em 16 de outubro de 1854, quando o que hoje é a República da Irlanda ainda pertencia ao Reino Unido, na forma do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. O segundo de três filhos, foi criado numa família protestante (depois convertendo-se à Igreja Católica), estudou na Portora Royal School de Enniskillen e no Trinity College de Dublin, onde se sobressaiu como latinista e helenista. Ganhou depois uma bolsa de estudos para o Magdalen College de Oxford.

Wilde saiu de Oxford em 1878. Um pouco antes de ter ganhado o prêmio "Newdigate" com o poema "Ravenna".

Passou a morar em Londres e começou a ter uma vida social bastante agitada, sendo logo caracterizado pelas atitudes extravagantes.

Foi convidado para ir aos Estados Unidos a fim de dar uma série de palestras sobre o movimento estético por ele fundado, o esteticismo, ou dandismo, que defendia, a partir de fundamentos históricos, o belo como antídoto para os horrores da sociedade industrial, sendo ele mesmo um dândi.

Em 1883, vai para Paris e entra para o mundo literário local, o que o leva a abandonar seu movimento estético. Volta para a Inglaterra e casa-se com Constance Lloyd, filha de um rico advogado de Dublin, indo morar em Chelsea, um bairro de artistas londrinos. Com Constance teve dois filhos, Cyril, em 1885 e Vyvyan, em 1886. O melhor período intelectual de Oscar Wilde é o que vai de 1887 a 1895.

Em 1892, começa uma série de bem sucedidas histórias, hoje clássicos da dramaturgia britânica: O leque de Lady Windermere (1892), Uma Mulher sem Importância (1893), Um Marido Ideal e A importância de ser Prudente (ambas de 1895). Nesta última, o ar cômico começa pelo título ambíguo: Earnest, "fervoroso" em inglês, tem o mesmo som de Ernest, nome próprio.

Publica contos como O Príncipe Feliz e O Rouxinol e a Rosa, que escrevera para os seus filhos, e O crime de Lord Artur Saville.

O seu único romance foi O Retrato de Dorian Gray.

Oscar Wilde foi pioneiro na criação do filme de drama e no de ação.

A situação financeira de Wilde começou a melhorar, e, com ela, conquista uma fama ainda maior. O sucesso literário foi acompanhado de uma vida bastante mundana, e suas atitudes tornaram-se cada vez mais excêntricas.

Os julgamentos e a prisão

Em maio de 1895, após três julgamentos, foi condenado a dois anos de prisão, com trabalhos forçados, por "cometer atos imorais com diversos rapazes". Wilde escreveu uma denúncia contra um jovem chamado Bosie, publicada no livro De Profundis, acusando-o de tê-lo arruinado. Bosie era o apelido de Lorde Alfred Douglas, um dos homens de que se suspeitava que Wilde fosse amante. Foi o pai de Bosie, o Marquês de Queensberry, que levou Oscar Wilde ao tribunal. No terrível período da prisão, Wilde redigiu uma longa carta a Douglas, que a chamou de De Profundis.

A imaginação como fruto do amor é uma das armas que Wilde utiliza para conseguir sobreviver nas condições terríveis da prisão. Apesar das críticas severas a Douglas, ele ainda alimenta o amor dentro de si como estratégia de sobrevivência. A imaginação, a beleza e a arte estão presentes na obra de Wilde.

Após a condenação a vida mudou radicalmente e o talentoso escritor viu, no cárcere, serem consumidas a saúde e a reputação. No presídio, o autor de Salomé (1893) produziu, entre outros escritos, De Profundis, o clássico anarquista, A Alma do Homem sob o Socialismo e a célebre Balada do Cárcere de Reading.

Os últimos anos

Foi libertado em 19 de maio de 1897. Poucos o esperavam na saída, entre eles seu maior amigo Robert Ross.

Passou a morar em Paris e a usar o pseudônimo Sebastian Melmoth. As roupas tornaram-se mais simples e o escritor passou a morar num lugar humilde, de apenas dois quartos. A produtividade literária era pequena.

O fato histórico de seu sucesso ter sido arruinado pelo Lord Alfred Douglas (Bosie) tornou-o ainda mais culto e filosófico, sempre defendendo o amor que não ousa dizer o nome, definição sobre a homossexualidade, como forma de mais perfeita afeição e amor.

Oscar Wilde morreu de um violento ataque de meningite, agravado pelo álcool e pela sífilis, às 9h50 do dia 30 de novembro de 1900.

Em seu leito de morte foi aceito pela Igreja Católica Romana e Robert Ross, em sua carta para More Adey (datada de 14 de Dezembro de 1900), disse: Ele estava consciente de que havia pessoas presentes e levantou sua mão quando pedi, mostrando entendimento. Ele apertou nossas mãos. Eu então fui enviado em busca de um padre e, depois de grande dificuldade, encontrei o Padre Cuthbert Dunne, que foi

comigo e administrou o Batismo e a Extrema Unção — Oscar não pode tomar a Eucaristia.

Wilde foi enterrado no Cemitério de Bagneux, fora de Paris, porém mais tarde foi movido para o Cemitério de Père Lachaise. Sua tumba é obra do escultor Sir Jacob Epstein, à requisição de Robert Ross, que também pediu um pequeno compartimento para seus próprios restos. Seus restos foram transferidos para a tumba em 1950.

Fonte: Oscar Wilde - Official Website

O RETORNO DE OSCAR WILDE

Há várias décadas, a sra. Travers-Smith, médium inglesa bem conhecida, escreveu um volume sob o título de *Psychic messages from Oscar Wilde* (*Mensagens psíquicas de Oscar Wilde*), com um prefácio de sir William Barrett, volume contendo a exposição e a crítica de uma longa série de mensagens obtidas por ela própria. A entidade espiritual, que lhe teria transmitido tais mensagens, seria a do poeta e dramaturgo inglês Oscar Wilde, de quem tanto se tem falado.ⁱ

Alguns dentre os leitores deste caso se recordarão, sem dúvida, de que, há muitos anos, Wilde foi condenado, pelos tribunais ingleses, a dois anos de prisão por atos inomináveis de inversão sexual. A obra oferece um alto valor metapsíquico, quer por causa da eficácia cumulativa das provas de identificação pessoal fornecidas pelo desencarnado que se manifestava, quer por causa do espírito sereno e penetrante com o qual a sra. Travers-Smith analisa as mensagens obtidas e as impressões subjetivas experimentadas por ela ao receber as ditas mensagens.

Para que se fique bem a par do assunto, importa fornecer, primeiramente, alguns dados sobre a personalidade da médium. A sra. Travers-Smith é filha de sr. Edward Dowden, professor de literatura inglesa na Universidade de Dublin e autor de obras de crítica literária tornadas clássicas. O professor Dowden deu à sua filha uma profunda educação literária e a sra. Travers-Smith tornou-se, por sua vez, uma escritora classicamente excêntrica. Com relação à metapsíquica, já publicou um livro referente às suas próprias experiências psicográficas feitas em conjunto com o professor William Barrett, o fundador da *Society for Psychical Research*. Esse volume tem o título de *Voices from the Void* (*Vozes do vazio*) e contém alguns casos bem notáveis de identificação espiritual. Relativamente às convicções religiosas e filosóficas da médium, é de se notar que, antes de se consagrar às experiências mediúnicas, ela se dizia agnóstica, o que, em outros termos, quer significar que a sua mentalidade, rigorosamente racional, a tinha levado a renunciar a qualquer forma de confissão religiosa. Esse estado de alma da médium é interessante de se conhecer e explica a imparcialidade admirável que ela emprega na discussão das hipóteses metapsíquicas aplicáveis ao caso de Oscar Wilde.

A mediunidade da sra. Travers-Smith é de natureza exclusivamente intelectual. Ela se manifesta pela escrita mediúnica e pelo aparelho chamado *oui-já* (quadro alfabético munido de uma agulha móvel) e apresenta o traço característico pouco comum de se harmonizar facilmente com outras formas vizinhas da mediunidade, de maneira a obter muitas vezes o fenômeno tão raro de duas mediunidades que se fundem com a conseqüência de produzir os melhores resultados, considerando que, em tais circunstâncias, as falhas inevitáveis, que são próprias em toda mediunidade, podem se compensar reciprocamente. E o que se produziu no caso das mensagens de Oscar Wilde, em que uma parte importante se produziu com a participação complementar de outro médium, o sr. V., que não obtinha nada sozinho, mas, quando a sra. Travers-Smith colocava a sua própria mão sobre a dele, então ele escrevia automaticamente, com uma rapidez vertiginosa, obtendo-se, em tais

circunstâncias, resultados tecnicamente mais completos do que quando a sra. Travers-Smith operava sozinha. Assim, por exemplo, uma das provas de identificação pessoal fornecida pela personalidade comunicante – a da perfeita identidade da caligrafia existente entre as mensagens mediúnicas e os manuscritos do morto – não podia ser obtida senão graças às duas mediunidades combinadas. Ao contrário, mesmo quando a sra. Travers-Smith operava sozinha, não se verificava nenhuma diferença na forma e na substância das mensagens, que em ambos os casos eram invariavelmente as mesmas.

Sob o ponto de vista da identificação pessoal, menciono desde já o fato de que o texto das mensagens em questão constituía uma admirável reprodução da forma e da substância dos escritos que Oscar Wilde publicava quando vivo.

O poeta foi interrogado acerca das diferenciações pouco comuns com que se produziam as comunicações e explicou que, para o duro mister de se comunicar com os vivos, a sra. Travers-Smith lhe permitia utilizar-se de seu cérebro e o sr. V. apenas lhe fornecia o exercício do braço que lhe era indispensável para a reprodução de sua caligrafia.

Breve voltarei a tratar deste fenômeno, teoricamente importante.

O que acabo de expor basta para ilustrar a natureza mediúnica, especial, pela qual eram transmitidas as comunicações de Oscar Wilde. Desejo observar ainda que nem a sra. Travers-Smith nem o sr. V., que é um matemático, tiveram alguma predileção pela obra literária de Wilde, de que haviam lido somente pequena parte, há cerca de 20 anos atrás.

* * *

Oscar Wilde manifestou-se, mediunicamente, de modo inesperado e repentino, interrompendo o curso de outra comunicação. Mais tarde, explicou ele que vagava, já há alguns anos, no meio terrestre, à procura de “luzes” (médiuns), desejando entrar em comunicação com o mundo dos vivos e tornar a ver, através dos olhos de outrem, as belezas da natureza que ele tanto amara em vida.

Assim descreve a sra. Travers-Smith a primeira manifestação de seu espírito:

“O sr. V. segurava o lápis entre os dedos e eu, sentada ao seu lado, colocava, levemente, os dedos sobre a costa de sua mão.

Antes que a mão se pusesse em movimento, perguntou-me ele se eu podia fechar os olhos, pergunta esta que me agradou, pois tenho notado, com outros comunicantes, que o desejo de fechar os olhos, que surgiu neles espontaneamente, sempre foi o começo de resultados interessantes. O lápis pôs-se a bater, repetidamente, no papel, depois do que entrou em movimento, por saltos repetidos, como na sessão anterior, para, finalmente, escrever o nome de um dos meus falecidos amigos que ditou a seguinte frase: “Desejo conversar com a minha adorada filha, minha querida Lily.”

O espírito tencionava continuar, mas, assim que ele ditou o nome de Lily, percebi uma interrupção na mensagem e compreendi, intuitivamente, que o espírito comunicante fora substituído por outro. Perguntei então: “Qual é o

espírito que está presente?” Aí o lápis escreveu imediatamente “Oscar Wilde” e começou a ditar a sua mensagem com vertiginosa rapidez. Olhei para o sr. V. e ele estava com os olhos fechados e parecia adormecido, todavia o lápis estava seriamente governado a tal ponto que me oferecia alguma dificuldade para conduzi-lo do fim de uma linha ao começo da outra.

Suspendi, então, o contato de minha mão e o lápis parou imediatamente, começando de novo a bater, nervosamente, pequenas pancadas no papel.

Examinando o ditado, fiquei surpresa ao ver a nitidez e a exatidão da caligrafia. As palavras estavam bem separadas umas das outras, os “i” com os seus pingos, os “t” com os seus cortes, as citações assinaladas por meio de aspas. Enfim, a pontuação era irrepreensível.

A assinatura de Oscar Wilde chamou logo a minha atenção pela sua feição particular.

Lendo a mensagem, notei que se encontrava, de quando em quando, a letra “a” escrita à maneira do alfa grego. Notei também singulares soluções de continuidade entre as letras de certas palavras, como *d-eath*, *vin-tage*, etc. Nem o sr. V. nem eu tínhamos visto uma só assinatura de Oscar Wilde ou, se o leitor preferir, não tínhamos a menor lembrança de termos visto, algum dia, qualquer assinatura desse escritor.

Assim que o sr. V. se despediu, pensei que seria interessante comparar a mensagem obtida com uma assinatura de Oscar Wilde. Refletindo sobre o meio mais rápido de fazê-lo, tive a sorte de dirigir-me ao depósito de livros de Chelsea, onde encontrei uma carta assinada por ele e que ali fora depositada a fim de ser vendida. Fiquei pasma: a letra da carta era igual à da comunicação mediúmica, afora ligeiras diferenças que deviam fatalmente existir entre uma letra que se fez carregando com força no lápis e uma carta escrita com pena. Observei também que, de vez em quando, se encontrava na carta uma letra “a” escrita à maneira grega. Vi ainda esquisitas soluções de continuidade entre as letras de uma mesma palavra.”

O texto dessa primeira mensagem era longo e interessante. Ele começava assim:

“Piedade para Oscar Wilde, piedade para aquele que foi na Terra o Rei da Vida... Já há vários anos que escrevi que “na cela de minha prisão reinava um crepúsculo perpétuo, do mesmo modo que um crepúsculo perpétuo ocupava meu coração”, mas, presentemente, um crepúsculo perpétuo invadiu também a minha alma.”

A frase a que o poeta faz alusão ele a escreveu, quando na Terra, no seu famoso livro *De profundis*, composto na prisão. A propósito desta frase e de outras ainda, citadas pelo comunicante, a sra. Travers-Smith observa:

“Esta primeira comunicação sugere considerações interessantes, pois, estando todas elas nas obras de Oscar Wilde, fazem primeiramente pensar na possibilidade de um plágio subconsciente por parte dos médiuns, todavia

contra a hipótese do subconsciente apresenta-se o fato de que, em algumas das minhas perguntas ele as respondeu de maneira a mostrar, ao contrário, que o comunicante não extraía, de forma alguma, noções da mente do sr. V. e da médium. Assim, por exemplo, perguntei-lhe qual o endereço domiciliar, em Dublin, de sir William Wilde, pai de Oscar, endereço que eu conhecia muito bem, assim como a localidade onde estava essa casa, e ele me respondeu: “No subúrbio de Dublin. Meu pai era médico. Tenho alguma dificuldade de recordar-me de nomes.” Fiquei um pouco decepcionada, crendo perceber, nesta resposta, as tergiversações habituais e suspeitas das personificações subconscientes... Observei então: “Isto não vos deve ser difícil se sois realmente Oscar Wilde.” O lápis pôs-se novamente em movimento e escreveu: “Eu morava bem perto daqui, na Tite Street.” Retirei momentaneamente o contato de minha mão e perguntei ao sr. V.: “Há, com efeito, perto daqui, uma Tite Street, nome que ele escreveu corretamente. Eu nunca soube onde residira em Londres e o sr. sabia?” O sr. V. me respondeu: “É a primeira vez que venho a Chelsea e nunca ouvi falar nessa Tite Street.”

Restabeleci o contato da mão e perguntei ao comunicante: “Dizei-me o nome de vosso irmão”. “William” foi a resposta dele e acrescentou o diminutivo do mesmo nome “Willie”. Perguntei-lhe ainda qual era o pseudônimo usado pela mãe de Oscar para assinar os seus escritos e a resposta foi “Speranza”. Era verdade.

Agora reflitamos um instante. Assim como o sr. V., eu não conhecia o endereço de Oscar Wilde em Londres e ele me foi fornecido sem que o pedíssemos. Ao contrário, eu conhecia o seu endereço em Dublin e, apesar disto, ele não me chegou a fornecê-lo. Quanto ao pseudônimo da mãe de Oscar, eu o conhecia, mas o sr. V. o ignorava. Tendo em vista esse conjunto de circunstâncias, não se pode certamente supor que as indicações fornecidas pela entidade comunicante fossem extraídas das subconsciências dos médiuns...”

Diante das considerações da sra. Travers-Smith que acabaram de se ler, sou levado a considerar o conjunto de provas de identificação espiritual baseada nas informações fornecidas pelo espírito comunicante relativamente à sua existência terrestre e esgotar o assunto, citando e examinando outras informações do mesmo gênero.

No decurso da sessão de 19 de julho de 1924 o comunicante escreveu:

“Permiti-me, por uma vez, que eu desça aos enfiados labirintos das informações pessoais.

É bem incômodo para mim extrair das profundezas obscuras da memória recordações do passado. Uma das minhas primeiras recordações da infância é constituída pela visão de uma pequena granja irlandesa na aldeia de Mc Cree...

Cree... Não, o nome não é precisamente este. Glencree (?). Nós ali morávamos com Willie e Iso... Era lá que um velho e bom mestre ia dar-nos as primeiras lições. Era um padre, o padre Prid... Prideau (?). Corria perto da

granja um límpido regato. Outras recordações... um jantar com Arnold e Pater, perto do Hyde Park... Um almoço com a sra. Margot Tennant, sra. Fox Blunt e outros, em Londres. Asquith era um dos presentes, mas não me parecia estar verdadeiramente no seu ambiente. Paguei as despesas e depois do almoço contei pequenas histórias à sra. Margot.”

A sra. Travers-Smith assim comenta esta comunicação de Oscar Wilde:

“Todas estas informações, que a nossa investigação mostrou serem verídicas, eram absolutamente ignoradas dos médiuns e dos assistentes.

Nelas verificou-se apenas um único erro, evidentemente de uma confusão na transmissão: não compareceu nenhuma sra. Fox ao almoço de que fala Wilde. Esse erro é devido talvez a uma inversão de nomes, visto que o episódio que as segue se refere ao padre Prideau Fox.”

Oscar Wilde prossegue assim na sua mensagem:

“Um dos momentos mais felizes de minha vida terrena foi quando, depois de sair da prisão, dei aula às criancinhas de uma aldeia perto de Bernaval (?). Chamava-me então Sebastian Melnotte... Melmoth, como recordação de um dos meus antepassados. Sebastian em recordação das setas terríveis que me abateram. Jean Dupré, eu o conheci em um Café de Paris... Estou muito confuso e receio ter colocado mal, no tempo, algum acontecimento de minha vida.”

Eis os comentários feitos a respeito pela sra. Travers-Smith:

“É digna de nota a lembrança de uma pequena granja em Glencree. Wilde fez duas tentativas para escrever o nome: Mc Cree. Cree. Não, o nome é Glencree. Sei que existe a umas doze milhas de Dublin uma aldeia perdida nas montanhas, com o nome de Glencree. Já o sr. V. nada sabia disto, pois nunca estivera na Irlanda. Wilde disse ter morado nessa aldeia “com Willie e Iso”. Ora, bem que compreendi ser Willie o seu irmão William, mas quem seria Iso? Eu ignorava completamente que ele tivera uma irmã. Tomando informações posteriormente, soube que realmente tinha tido uma irmã chamada Isola, que falecera com a idade de oito anos e à qual fora muito afeiçoado. Wilde fala, além disto, em um velho sacerdote, o padre Prideau, que lhe havia dado as primeiras lições. Escrevi então ao atual professor da escola de Glencree, o padre Folley, que teve a paciência de dar buscas a respeito do caso e de me informar, em seguida, que há 60 anos era diretor da referida escola o padre Prideau-Fox.

Quanto à referência a uma aldeia de nome Bernaval, o sr. V. e a minha filha, então presente, ignoravam, tanto quanto eu mesma, que Wilde havia lá estado ao sair da prisão.

Finalmente, notemos que Wilde acrescentara: “Chamava-me então Sebastian Melnotte. Isto foi aproveitado pelos críticos e citado como uma prova incontestável da derivação subconsciente desta informação, visto que o

sobrenome tomado por Wilde era Melmoth e não Melnotte. Quando se levantou esta objeção, reli a mensagem e verifiquei que ele fornecera duas versões deste sobrenome, sendo uma Melnotte e outra Melmoth. Todavia uma feliz coincidência fez-me saber ainda outra coisa. Algumas semanas depois, publicou o jornal *Times* o anúncio de uma das suas vendas habituais de autógrafos em leilão: eram de Oscar Wilde. Explicava-se no dito anúncio que algumas cartas expostas à venda estavam assinadas com o nome de Sebastian Melmoth e que uma dentre elas pedia que a resposta fosse dirigida a Sebastian “Melnotte”, acrescentando que ele se reservava para explicar ao destinatário o motivo da mudança de sobrenome. Tais são os fatos. Ora, é absolutamente certo que esse detalhe não podia ser extraído da minha subconsciência ou da do sr. V., pois nem eu nem ele podíamos imaginar que Wilde tivesse uma vez ou algumas vezes empregado uma variante do seu pseudônimo.”

Este último verdadeiro detalhe sobre o nome então usado por Oscar Wilde reveste-se de um interesse teórico que a ninguém escapara. Não se podia, com efeito, explicá-lo pela hipótese de criptomnesiaⁱⁱ e tampouco pela da criptestesia.ⁱⁱⁱ A hipótese da criptomnesia não podia ser levada em conta, pois de modo algum se podia conceber que os médiuns tenham podido conhecer, para esquecer em seguida, um detalhe, absolutamente íntimo, dos últimos anos do poeta e, portanto, autêntico pela sua meticulosidade. Quanto à outra hipótese, da criptestesia, que é, em suma, a faculdade da clarividência, observo que, para que pudesse ser aplicada a este difícil caso, seria preciso supor que, graças às suas faculdades supranormais, um ou outro desses dois médiuns tenha descoberto o rastro do destinatário da carta de Oscar Wilde e captado, na sua subconsciência, esse detalhe e dela extraído o detalhe da variante do pseudônimo. Estas são as hipóteses naturalistas que podem ser aplicadas ao caso em exame. Como nenhuma outra é conhecida, apelo para o bom senso dos leitores no sentido de que tenham a bondade de julgar se a explicação dos fatos por essas duas hipóteses é preferível à outra, tão simples e natural, que sobressai *do conjunto das circunstâncias*, isto é, quem fez conhecer esse detalhe foi o espírito daquele que o conhecia pessoalmente.

Para não me alongar demasiadamente, não me deterei em outros detalhes verídicos supracitados, todos igualmente importantes, sob o ponto de vista teórico, principalmente aquele em que o espírito comunicante fala de uma falecida irmãzinha, cuja existência era desconhecida dos experimentadores. Convém notar ainda que, embora de grande importância, bastando por si só para triunfar de quaisquer hipóteses naturalistas, esses detalhes não têm senão um valor subsidiário depois das provas de identificação pessoal fornecidas pelo espírito de Wilde, dentre as quais devemos assinalar as seguintes: as mensagens mediúnicas foram escritas com caligrafia peculiar ao comunicante, quando vivo, e nos dois estilos que constituíam a sua personalidade literária bem nítida: um, classicamente impecável, apesar da abundância das imagens e da exuberância dos adjetivos; outro, mordaz, cáustico e inimitável. A sra. Travers-Smith dá, com razão, mais importância à eficácia demonstrativa destas duas últimas provas do que aos detalhes verídicos fornecidos pelo comunicante sobre a sua vida terrena, aditando que, sob o ponto de

vista teórico, as hipóteses que se opõem a esses detalhes, sendo, embora inteiramente absurdas e insustentáveis na extensão arbitrária que lhes é atribuída, não podem ser praticamente refutadas, visto não serem demonstráveis.

Seja como for, se os partidários da hipótese espírita não possuem uma arma com que possam combater contra o vácuo, muitas vezes lhes acontece aprisionar o próprio vácuo e, no caso em questão, não é difícil cercá-lo por todos os lados, de forma a tornar praticamente nulas as hipóteses contrárias que para ele convergiram. É isto que se consegue empregando as duas supracitadas hipóteses, pois elas encerram argumentos substanciais, capazes de conduzir a este resultado.

Começando pela prova de identidade pela caligrafia, lembro o que já disse: que todas as mensagens transmitidas pelas mediunidades combinadas da sra. Travers-Smith e do sr. V. mostraram um *fac-simile* admirável da letra do morto que se dizia presente, de tal maneira que os traços característicos mais insignificantes, como os mais salientes da sua letra, foram ali reproduzidos, como, por exemplo, a letra “a” escrita à maneira do alfa e o fato de destacar um grupo de letras de outras numa mesma palavra. Tudo isto se pode verificar se confrontarmos os *fac-similes* publicados na obra da sra. Travers-Smith. Não é demais lembrar aqui que, em tais circunstâncias, o médium escrevia com os olhos fechados e uma rapidez vertiginosa.

São estas as modalidades complexas e extraordinárias em que se produziu o fenômeno durante vários meses, modalidades que sugerem considerações teóricas muito importantes e opostas a quaisquer explicações naturalistas. Para melhor demonstração do caso, convém indagar, primeiramente, até que ponto se poderia legitimamente levar a hipótese naturalista das manifestações desse gênero. Se se tratasse, por exemplo, da reprodução, pura e simples, da assinatura de uma pessoa morta, então a hipótese da criptomnesia poderia ser legitimamente admitida, visto que não se poderia excluir, de forma absoluta, a possibilidade de que essa assinatura tivesse sido vista um dia por um dos médiuns. Nesse caso, o clichê da assinatura teria emergido da subconsciência do médium com o auxílio do automatismo psicográfico. Outro tanto se pode dizer com relação à hipótese da criptestesia, segundo a qual as faculdades clarividentes dos médiuns teriam visto, diretamente, à distância, a assinatura de Oscar Wilde em algum livro ou documento, reproduzindo-a psicograficamente como se a copiassem de um modelo. Tudo isto se pode legitimamente sustentar (não quero dizer, de modo algum, que ditas hipóteses sejam racionais em todos os casos), mas o que se deveria, em compensação, excluir, de maneira absoluta – e isto ninguém ainda se lembrou de sustentar – é a possibilidade de se conseguir compreender, pela criptomnesia e pela criptestesia, que uma pessoa, com os olhos fechados, possa escrever automaticamente, corretamente e com grande rapidez, com a própria letra do defunto que se diz presente. Esse fenômeno redundava em coisa inteiramente diversa, pois não se trataria mais de copiar de um modelo à vista ou de evocar um clichê subconsciente e sim, a pessoa de exprimir os seus próprios pensamentos, empregando a letra de outro. E como a letra própria de um indivíduo é a expressão simbólico-específica do seu sistema neuromuscular, resulta daí que é impossível a qualquer pessoa, em qualquer condição em que se encontre,

escrever corretamente na própria letra de outro, isto é, peculiar ao seu sistema neuromuscular. É isto tão impossível como o é a qualquer pessoa, seja qual for a sua situação psíquica, conversar corretamente numa língua que ele ignorar por completo. Segue-se que, quando essas manifestações se produzem nas sessões mediúnicas, não há senão uma única interpretação racional para os fatos, que é a de admitir a intervenção do espírito que afirma estar presente.

Prosseguindo, passo a discutir a segunda das provas em apreço, ou seja, a que se refere ao fato de serem as mensagens de Oscar Wilde ditadas nos dois estilos que constituíam a sua personalidade literária tão nítida. Transcrevo, para começar, algumas considerações que a sra. Travers-Smith escreveu a respeito, considerações claras e imparciais como costumam ser as dessa escritora, que se mostra sempre pronta a concordar com os partidários da interpretação naturalista, indo além do que parece legítimo. Escreve ela:

“Observam-se, nestas mensagens, três séries principais de provas relativas à identificação pessoal do espírito comunicante. A primeira consiste na identidade da letra; a segunda, na identidade de estilo, ou melhor, dos dois estilos que lhe são próprios, e a terceira, na identidade do seu pensamento ou, mais exatamente, da sua intelectualidade. Se tivéssemos obtido unicamente a identidade da letra, esse fato nos pareceria, indubitavelmente, muito estranho e muito interessante, visto que, nas referidas mensagens, se encontram os traços característicos e incontestáveis da letra de Oscar Wilde, que, longe de ser uma letra vulgar e, portanto, facilmente imitável, revela, ao contrário, todas as regularidades e flexibilidades de mão de artista, todavia, se tivessem obtido apenas isto, eu não hesitaria em encarar o fenômeno como um incidente de reminiscência do subconsciente. E mesmo se à letra individual se juntasse uma vaga semelhança no estilo, teria ainda e sempre pensado que o fato não tinha importância como prova da sobrevivência espiritual de Oscar Wilde. A meu ver, para se alcançar essa prova, havia de ser preciso que, correntemente com a letra do defunto, se tivesse também verificado, nas mensagens, o verdadeiro, o próprio estilo de Oscar Wilde e, sobretudo, que por detrás do seu estilo surgisse, por sua vez, nitidamente, a sua intelectualidade. Ora, se as mensagens forem analisadas com o espírito livre de qualquer idéia preconcebida, forçoso é reconhecer que se está diante de um dos raros casos em que as provas de identificação, no sentido acabado de indicar, podem ser consideradas completas.”

Nas mensagens em apreço, a intelectualidade de Oscar Wilde ressurgiu de um modo literalmente completo, com todas as suas qualidades e todos os seus defeitos. Nota-se nestes últimos o timbre que tinha no seu temperamento de homem e escritor. Vê-se, efetivamente, sobressair neles a estima, sem limites, que votava a si mesmo, como autor, o desprezo injustificado pelas produções literárias dos outros e a maneira cáustica, zombeteira e impenitente com a qual os desbancou.

Pode-se dizer outro tanto das suas boas e raras qualidades que se encontram, inalteráveis, nas mensagens, como também se nota nelas o culto extraordinário,

quase mórbido, que ele rendia às belezas da natureza e da arte, bem como a sua estranha sensibilidade afetiva pelas “palavras” em si mesmas. Estes sentimentos ele os exprime nas mensagens como o fazia, quando vivo, com um ardor e cores inimitáveis.

Não nos seria possível citar trechos dessas mensagens literárias sem diminuir o seu brilho. Com efeito, para se apreciar os traços de espírito e de ironia com que Oscar Wilde fustigava os autores de seu tempo e para compará-los com tudo o que há de semelhante nas suas obras seria preciso conhecer a fundo a produção literária de Wilde e a literatura inglesa da época.

Faço notar, agora, que a parte crítico-literária das mensagens dele foi precisamente a que maior impressão causou na Inglaterra com relação à identidade pessoal do espírito comunicante.

Foi graças a essa identidade que as suas mensagens tiveram larga aceitação nos meios literários ingleses e, a esse respeito, é bem digna de registro uma outra circunstância interessante do ponto de vista capital da identidade de pensamento e de intelectualidade entre o autor das mensagens e o finado Oscar Wilde. É que, entre os homens de letras que têm analisado as mensagens, nenhum houve que pensasse em levantar dúvidas sobre elas, o que mostra até que ponto essa identidade pareceu a todos evidente e incontestável. Apenas um crítico sutil, muito exigente, observou que algumas se pareciam muito com a prosa de Oscar Wilde, mas de um Oscar Wilde que não estivesse mais na plenitude dos seus meios.

A sra. Travers-Smith refere-se a esta objeção no seguinte trecho de sua obra:

“Nota-se, na leitura das mensagens, que o espírito comunicante não cessa de se referir ao estado de perturbação ao qual estão sujeitas, no além, as vítimas das convenções sociais.

Bem parece que Oscar Wilde não perdeu nada do seu orgulho e do seu egoísmo, mas lastima, por vezes, da perturbação que sofreram os seus sentidos e da falta de luz e de cor. Diz ele: “Minha intelectualidade atual pode ser comparada a uma fechadura enferrujada em que a chave gira com dificuldade, rangendo e estalando.” De outra feita, observa: “Minha inteligência não é mais tão ágil e tão ativa como o era na vida terrena.”

Mais tarde, ele fala, com desafogo, das clarabóias de sol que lhe foram permitidas descortinar por meu intermédio e que o salvam de ficar completamente mofado no meio em que se acha. Observo, a esse respeito, que houve críticos que objetaram que essas mensagens mediúnicas não revelam toda a perfeição que se encontra nas melhores prosas de Oscar Wilde. Ora, acho que os críticos, que exigem do defunto Oscar Wilde um estilo improvisado, mantendo-se à altura das suas melhores obras, não fazem nenhuma idéia das dificuldades em meio das quais se produzem as comunicações mediúnicas.

Além disso, não nos devemos esquecer de que Wilde acabou os seus dias em completa ruína, com grandes decepções e amarguras. Pode-se acrescentar que,

mesmo no além, ele se encontrava em condições muito precárias, relacionadas com a existência que aqui teve.

Considerando tudo isso, podemos razoavelmente exigir que os seus mais brilhantes momentos de escritor, durante a sua existência terrena, possam manter-se ainda inalterados e que aquela sua ponta de ironia deva mostrar-se tão fina como pelo ano de 1890? Seja como for, penso que mesmo que devamos aceitar a opinião de certos críticos, ou seja, que o gênio de Oscar Wilde se mostre deprimido e que a lâmina da sua ironia pareça menos afiada que outrora, tudo isso em nada diminuirá a enorme importância do fato de se ter produzido, mediunicamente, alguma coisa de tão semelhante ao estilo de Oscar Wilde, que impõe, a quem quer que seja, o dever de apreciar e discutir este caso. Enfim, não nos devemos esquecer de que a produção, no estilo pessoal do morto, é dupla pela reprodução caligráfica do mesmo, circunstância que apresenta grande eficácia demonstrativa em favor da hipótese segundo a qual nos achamos, efetivamente, na presença do caso de uma entidade espiritual que sobrevive à morte do corpo físico.

Na verdade, é preciso um grande esforço de imaginação para crer que a teoria de subconsciente do mesmo médium, em resultado de um eventual e rápido olhar lançado, distraidamente, sobre um escrito de Wilde, pela personalidade consciente do mesmo médium, consiga ditar centenas e centenas de páginas nas quais não se encontre uma só palavra que não esteja escrita na caligrafia do morto.”

A sra. Travers-Smith frisou bem o grande valor teórico que traz, em favor da interpretação espiritual dos fatos, a prova da identidade da caligrafia, como demonstração adicional. Do mesmo modo, não será certamente inútil recordar também o valor teórico que a mesma dá à outra prova adicional dos numerosos incidentes verídicos fornecidos pela entidade comunicante a respeito da sua vida terrena, incidentes, em grande parte, ignorados pelos médiuns.

Quanto à objeção a que se responde no citado trecho, não penso que seja preciso acrescentar outras considerações às que fez a sra. Travers-Smith, tão cerradas e completas, além da observação de que seria talvez oportuno insistir mais a respeito das dificuldades psicofisiológicas inevitáveis que se apresentam à personalidade de um defunto que pretenda transmitir o seu pensamento aos vivos da Terra, por intermédio do cérebro de outro. É oportuno insistir neste ponto porque o fato de terem sido essas enormes dificuldades superadas com sucesso, no caso em questão, é o que admira, sobremaneira, as pessoas competentes na matéria, pois não ignoram quanto é raro a personalidade de um morto conseguir triunfar delas.

A experiência mostra que, se geralmente uma entidade espiritual se acha, mais ou menos, em condições de fornecer boas provas de identificação pessoal, referindo-se a episódios de sua existência terrena, bem raro é que consiga reproduzir, exatamente, a sua caligrafia e, principalmente, revestir o pensamento do seu estilo especial e fazer emergir, através do estilo, a sua própria personalidade intelectual. É coisa que parece inevitável pois, em geral, as entidades espirituais

transmitem, telepaticamente, o seu pensamento aos centros cerebrais de ideação dos médiuns, que não podem deixar de revesti-los, subconscientemente, dos recursos da linguagem e do estilo de que eles dispõem. É verdade que, em outros casos menos freqüentes, parece, ao contrário, que as personalidades que se manifestam utilizam, diretamente, o material da linguagem e do estilo que se acham disponíveis nas reservas mnemônicas do cérebro dos médiuns, porém, em qualquer caso, é claro que, em tais circunstâncias, a entidade manifestante não poderia aproveitar senão o que pode encontrar nessas reservas.

Estas considerações demonstram a grande importância que tem a cultura geral dos médiuns, com mais ou menos idoneidade, para se tornarem bons instrumentos transmissores ao serviço dos espíritos que desejam comunicar-se. Já vimos que a sra. Travers-Smith recebeu de seu pai, professor de literatura inglesa na Universidade de Dublin, uma profunda educação literária e é por isso que ela mostrou ser um excelente instrumento mediúnico para a transmissão do pensamento de um homem de letras. Na página 90 de sua obra, a sra. Travers-Smith faz notar que, se é certo que Oscar Wilde foi o mesmo ao manifestar-se por diferentes médiuns, com nenhum procurou ele fazer crítica literária, só esta pôde desenvolver-se livremente pela mediunidade que lhe era própria quando operava sozinha.

Ora, é claro que isto aconteceu porque o comunicante só encontrara nela o instrumento cerebral apto para esta difícil tarefa ou, em outras palavras, porque os outros médiuns não lhe puderam fornecer o material bruto da língua literária e da cultura especializada de que precisava um espírito comunicante que pretendia revestir o seu pensamento de certa forma literária e discutir questões literárias. Devo, contudo, observar que tudo contribui para demonstrar que o comunicante utilizava unicamente o material bruto existente nas reservas mnemônicas da médium e bem assim o senso do estilo literário finamente educado nela e não os seus conhecimentos e opiniões pessoais. Isto está provado pelos “ensaios críticos” do comunicante, relativos, muitas vezes, a obras que os dois médiuns haviam lido e, quando se refere a obras lidas pelos médiuns, então os julgamentos do comunicante são opostos às opiniões pessoais dos mesmos. A sra. Travers-Smith teve de assistir à derrocada impiedosa dos escritores que ela mais apreciava.

Eis como Oscar Wilde explica a maneira pela qual transmitia o seu pensamento à médium. Durante uma sessão em que a sra. Travers-Smith estudava sozinha e experimentava com o aparelho *oui-ja*, a personalidade do poeta se manifesta. A médium dirige-lhe então esta pergunta: “Por que me escolheste para médium?” e ele lhe respondeu assim:

“Cara senhora, a coisa não é tão fácil de explicar. Já vos disse que tinha olhado para o vosso mundo, por diversas vezes, através dos olhos de médiuns de vários países e isto para me encantar ainda com a glória do vosso sol. Deste meio sombrio onde me acho já desejei, repetidamente, transmitir o meu pensamento a alguém da Terra que estivesse apto a compreender uma mentalidade idêntica à minha: imaginativa, fantástica, desejosa até de sentir e de concentrar toda a beleza em palavras. Procurei, por várias vezes, um “frasquinho” capaz de conter a essência das minhas idéias, mas até o dia em

que consegui arrebatá-lo da mão de um espírito que se esforçava para se comunicar por intermédio do instrumento (isto é, do médium V. que Wilde designa constantemente por este nome), dia até quando nunca havia encontrado o cérebro de que eu precisava. Compreende-se que, se querem que eu fale aos vivos na forma que me era pessoal em vida, é indispensável que eu encontre um cérebro literalmente capaz para nele atuar. Tenho necessidade de um órgão cerebral que permita filtrar por meio dele o meu pensamento como a areia finíssima de uma ampulheta se escoar através do pequeno orifício desse aparelho, e não apenas se torna necessário que esse cérebro seja límpido como também que eu ache nele o material necessário para exprimir as minhas idéias. Posso empregar a mão do “instrumento” (isto é, do sr. V.), de modo a fixar no papel a minha caligrafia, mas o seu cérebro não me serve de forma alguma. Se eu tentasse servir-me dele as minhas idéias ficariam ali presas como as moscas em um papel gomado.”

Em certa ocasião em que a médium se sentia muito cansada, Oscar Wilde observou:

“Encontrei-vos menos sensitiva às minhas idéias do que de costume. De qualquer maneira, mesmo quando estais cansada, sois sempre uma perfeita “harpa eólica”, acolhendo maravilhosamente as vibrações do meu pensamento.”

E mais adiante:

“Vós possuís o senso do estilo. É por isto que me servis muito bem para revestir o meu pobre pensamento de uma forma adequada.”

Ele queixa-se, por vezes, de encontrar, no cérebro da médium, palavras e imagens vulgares. Eis, a propósito, um curioso trecho no qual o comunicante tinha, romanticamente, começado a falar da lua. A mão da médium escreveu o seguinte:

“Breve a lua se erguerá no horizonte do vosso mundo e ali aparecerá suspensa no ar como uma grande forma de queijo dourado. Parai! Parai! Parai! Esta comparação é intolerável. Escrevei como um taverneiro pretensioso e rico que tivesse passado da venda de toucinho a escrever versos. Colho as palavras no vosso cérebro tais como nele as encontro. Vamos começar de novo. Como um grande *melão* dourado suspenso no azul profundo da noite... Esta comparação é melhor, embora seja muito rústica. Em suma, ela pode passar porque adoro a vida rústica.”

Os supracitados episódios, como muitos outros contidos nas mensagens, confirmam, sobremodo, o que já de há muito se conhece, isto é, que bastas vezes os espíritos dos desencarnados utilizam-se do cérebro de um médium como o teclado de uma máquina de escrever com inúmeras teclas. Se é certo que isto pode ser compreendido pela imaginação até certo ponto, não se pode penetrar neste assunto de modo inteligível para nós, o que, de resto, é de presumir mesmo *a priori*, pois

que modalidades totalmente diferentes de atividade psíquica devem forçosamente corresponder a uma modalidade de existência qualitativamente diferente.

Observam-se, não obstante, nas mensagens de Oscar Wilde, outras formas de percepção espiritual, por assim dizer “sintéticas”, que, sendo vizinhas da que se discute, auxiliam um pouco a compreendê-la.

A sra. Travers-Smith havia observado que Oscar Wilde criticara não somente os autores de sua época como também os que surgiram depois da sua morte e que ele, portanto, não conhecera, e o enigma se complicava ainda mais pelo fato de que, quase sempre, os médiuns também não haviam lido as tais obras que o comunicante criticara. De onde extraía, pois, esses conhecimentos o espírito de Oscar Wilde?

Eis como ele explicou à médium esse mistério:

“Tal como o cego Homero, vou errando pelo mundo à procura de olhos para ver e chego a ver mesmo, por vezes, através do véu escuro das trevas que me rodeiam. Tudo isto com o auxílio dos olhos de vivos que ignoraram sempre o mistério de minha intrusão na sua existência e fico, assim, em condições de contemplar, ainda uma vez, o vosso belo mundo. Tenho tido “janelas” de visão renovada nas mais diferentes regiões da Terra. Pelo rosto tisonado de uma moça tamala contemplei longamente as plantações da ilha de Ceilão; pelos olhos de um curdo nômade vi o monte Ararat e a tribo dos lêzedas que adora ao mesmo tempo Deus e Satã e apenas amam as cobras e os pavões. Certa vez, num vapor de viagem de recreio a Saint Cloud, vi as verdes águas do Sena e o panorama de Paris, este pelos olhos de uma menina, que nada compreendendo do que se produzia, aconchegava-se à sua mãe, chorando amedrontada. Ah! Como são preciosos esses minutos de visão! Eles constituem as estrelas da minha pobre noite, as jóias faiscantes do meu escrínio de trevas, são o néctar sonhado da minha alma sequiosa e eu daria bem todo o meu renome para a obtenção desse tesouro incalculável. Olhos! Olhos! Que pode fazer um homem ao perder os olhos? Que não daria eu para recuperá-los? Ficareis talvez surpresa sabendo que, do mesmo modo, pude mergulhar-me profundamente nas obras dos autores do vosso tempo. Naturalmente não tomo conhecimento de toda a colheita, limitando-me a apreciar o melhor da vindima. Todos vós ainda tendes muito que aprender a nosso respeito. É, sem dúvida, um processo curioso. Eis como opero: vigio, esperando uma boa ocasião e, assim que ela se me apresenta, aproveito o momento oportuno e mergulho-me na mentalidade do escritor, colhendo as impressões que desejo e que são geralmente de natureza coletiva.”

Em outro lugar das suas mensagens, ele acrescenta o que se segue:

“Estou apto a esquadrihar nos cérebros dos autores e apreender, coletivamente e de modo fulminante, o que merece ser observado nas suas obras.”

Enfim, certa vez em que a médium lhe perguntou: “Que pensais dos versos de Sitwells? Leste-os?” Ele respondeu: “Não os conheço, pois não quero desperdiçar

meu precioso tempo a apanhar rãs. Mergulho-me exclusivamente no intelecto dos que têm certo mérito e não desço abaixo de certo nível.”

A respeito do assunto em questão, segundo as explicações fornecidas por Oscar Wilde, a maneira pela qual as personalidades espirituais tomam conhecimento das obras dos autores terrestres seria uma forma de percepção coletiva ou “sintética” do conteúdo delas, conteúdo registrado, de modo indelével, nos centros mnemônicos dos autores. Isto é interessante, pois, em uma monografia minha, consagrada aos fenômenos de “visão panorâmica” propus-me justamente a fazer notar que tudo concorre para mostrar que as percepções psíquicas, em um meio espiritual, apresentam a particularidade de se manifestarem em termos de “simultaneidade”, contrariamente às percepções análogas no meio terrestre, onde se manifestam em condições de “sucessão”, e a esse respeito não se pode senão assinalar o considerável valor teórico deste fato: que essas modalidades espirituais de percepção sintética se realizam excepcionalmente e também na existência terrestre, em geral, no sono fisiológico, sonambúlico ou extático, algumas vezes nos momentos supremos de inspiração dos gênios ou no período pré-agônico dos moribundos. Para dar, a este respeito, uma idéia precisa aos meus leitores que não estão a par do assunto, lembrarei o fenômeno curioso a que estava sujeito Mozart, que percebia, subjetivamente, em termos de simultaneidade, a sucessão da coordenação de todas as notas que constituíam uma peça inteira de música e de onde ele extraía o melhor das suas composições. Do mesmo gênero é o fenômeno conhecido da visão panorâmica nos moribundos que percebem, subjetivamente, em termos de simultaneidade, a sucessão inteira de acontecimentos das suas existências, fenômeno esse que é bem conhecido dos psicólogos.

Para não me afastar do tema de que ora me ocupo, não me estendo sobre o assunto, limitando-me a completar esta curta notícia e a observar que a simultaneidade própria das percepções psíquicas manifesta-se também nas faculdades supranormais subconscientes. Isto contribui para mostrar que essas faculdades constituem, efetivamente, os sentidos da vida espiritual que preexistem, formados, em estado latente, na subconsciência humana, para funcionar no meio espiritual, depois da crise da morte, como os sentidos da vida terrena preexistem, formados, em estado latente, no embrião, esperando também o momento de funcionar no meio terrestre, após a crise do nascimento.

Agora, referindo-se à maneira com que Oscar Wilde se utilizava das reservas de palavras e do esquisito estilo existente no cérebro da médium, observo que, com muita verossimilhança, tudo isto se produzia, por sua vez, graças a um fenômeno análogo de percepção simultânea de todo o material bruto disponível no mesmo cérebro. Esta suposição torna inteligível que a circunstância de poder o comunicante utilizá-lo, com a rapidez vertiginosa com que são produzidos geralmente os ditados mediúnicos é, por sua vez, um indício de que, no além, também a concepção de uma mensagem longa se produz em termos de simultaneidade: a mão do médium corre pelo papel porque ela traduz, em termos de sucessão, o que o seu cérebro recebe em termos de simultaneidade.

Antes de concluir, é oportuno dizer algo sobre as condições espirituais em que se encontrava o comunicante, condições a que ele faz referência, bastas vezes, em trechos de comunicações citados cima.

Numa das suas primeiras comunicações, Oscar Wilde exprimiu-se deste modo:

“Minha atual tarefa não é muito melhor do que a que me era imposta na prisão, onde eu cardava lã. Lá, pelo menos, o meu espírito podia afastar-se do corpo e vagar à vontade. Aqui não tenho mais corpo para sair dele e a ausência de corpo torna-me impossível uma das mais agradáveis distrações da Terra. Não é, de modo algum de satisfazer, a idéia de nos sentirmos simples espírito, isto é, sem corpo físico. Esse era um instrumento que nos fazia parece atraentes ou, se preferirem, mesmo inteiramente o contrário. Aqui onde me encontro, essa distração foi posta de lado, mas, em compensação, conhecemos até muito bem as idéias mais secretas dos outros. Acontece que as idéias dos outros acabam por não mais nos interessar e o tédio nos invade a existência espiritual.

Podemos perceber, reciprocamente, os nossos pensamentos como vós podeis ver uns nos outros as manchas das vossas roupas.

Eu vos disse que em torno de mim só há trevas. É o meio reservado aos que foram vítimas das convenções sociais e elas me levaram a uma situação que não é nada favorável à minha elevação espiritual.

A minha mente é, no momento, uma espécie de fechadura enferrujada, na qual a chave gira com dificuldade, rangendo. O pensamento não mais se desprende, ágil e rápido, como outrora.

Estiolo-me neste crepúsculo eterno, mas bem sei que, um dia, elevar-me-ei até os fastígios do êxtase espiritual, pensamento de esperança que nos é concedido para nos ajudar a suportar...

O espírito humano está destinado a conhecer o bem e o mal até às suas raízes mais profundas, sem o que ele nunca atingirá a perfeição. Sofre neste meio de trevas, porque o alvo que devo atingir me parece ainda mais distante.

E, no entanto, possuo a faculdade do conhecimento, conhecimento a que não pode alcançar a justiça humana que sempre torturou a pobre humanidade terrena desde que ela existe.

Seja como for, o estado em que me encontro não é, absolutamente, uma “punição”, como credes, é uma fase indispensável de minha experiência espiritual. É assim que estou presentemente encerrado em um véu de trevas, mas estas contribuem para me orientar, a mim próprio, para os altos cumes da perfeição espiritual.

Estas revelações acerca da situação espiritual em que se encontrava o poeta Oscar Wilde são interessantes e, se imaginarmos que elas concordam, admiravelmente, com o que se afirma em outras mensagens análogas relativamente a conseqüências inevitáveis, no mundo espiritual, das faltas cometidas pelos homens, durante as suas existências terrenas, esta concordância constitui uma boa prova em favor de sua autenticidade.

Com efeito, se as revelações em apreço só fossem uma mistificação da subconsciência humana, não aconteceria que numerosos médiuns, pertencentes às nacionalidades mais diferentes, ignorando uns as mensagens obtidas pelos outros, se pudessem encontrar na descrição de um grande número de detalhes, que são, bastas vezes, absolutamente novos, estranhos e inesperados. Seja como for, no presente caso, a presunção a respeito da autenticidade dessas revelações está baseada em coisa bem diversa, isto é, no fato de o comunicante Oscar Wilde ter conseguido demonstrar a sua própria identidade, fornecendo todas as provas que se podem racionalmente exigir em tais circunstâncias. Sou, pois, levado logicamente a concluir que, se na série inteira das manifestações não houve, que se reconhecessem, casos de mistificação subconsciente e se tudo o que ele afirmou acerca dos episódios verificáveis foi reconhecido como escrupulosamente verdadeiro, não se saberia por quais misteriosas argumentações lógicas, deixar de acreditar no que ele afirmou a respeito de sua vida espiritual.

A sra. Travers-Smith observa que nenhum dos casos de identificação pessoal, de que ela tem conhecimento, teve, sobre a sua pessoa, uma influência tão eficaz como o de Oscar Wilde, para levá-la a acolher a explicação espírita dos fatos, pois dificilmente se encontrará um exemplo tão completo e circunstanciado em favor da tese da sobrevivência da alma.

Com efeito, acham-se reunidas, neste caso, todas as provas cumulativas que, racionalmente, se tem o direito de exigir em tais circunstâncias. Primeiramente, a transmissão de vários incidentes pessoais, ignorados de todos os assistentes, em seguida a prova memorável de identidade, continuada sem parar, no decorrer de centenas e centenas de páginas, e, finalmente, a outra prova, mais importante ainda, da identidade de estilo, ou melhor, dos dois estilos que caracterizavam a personalidade do espírito comunicante, enfim, a mais concludente de todas as outras, ou seja, a do ressurgimento, por detrás do estilo, da sua complexa, estranha e inimitável personalidade. Observo, ainda, que além das provas fornecidas, Oscar Wilde prometeu, recentemente, acrescentar uma outra: a de ditar uma obra póstuma pela sua médium. Nestas condições, devo afirmar que não haverá opositores capazes de sustentar que o caso, que acabo de expor com um conjunto admirável de provas cumulativas, é susceptível de ser explicado pelas hipóteses da criptomnesia ou da criptestesia e, como não conheço outras, resulta daí que, desta vez, para os opositores, está afastada qualquer possibilidade de justificar, com base nos fatos, o seu ponto de vista. Em outras palavras, fica provado que as conclusões a que se chegou, em favor da hipótese espírita, devem ser consideradas como cientificamente legítimas, irrefutáveis e decisivas.

Não ignoro, absolutamente, que para o opositor sistemático é sempre possível apelar para o recurso extremo a que se agarram todos os vencidos nestas questões: o de chamar, em seu auxílio, a teoria da prova absoluta, na extensão do sentido filosófico. Poder-se-ia dizer, em resumo, que não há, nos casos análogos, hipóteses naturalistas a opor à hipótese espírita e não é menos verdade que, mesmo nessas circunstâncias, não se consegue a prova absoluta, relativamente à sobrevivência do espírito humano. Não vai nisto uma grande descoberta: também não é menos

verdade e fora de dúvida que todos os que forem dotados de senso filosófico, ou simplesmente senso comum, repelirão essa objeção insensata, pois que, neste mundo inferior dos fenômenos, tudo é “relativo”, o que faz com que nunca se possa obter a prova absoluta do que quer que seja, a partir de nossa própria existência, que é contestada por uma escola de filósofos idealistas. Não se pode, porém, contestar que tais filósofos tenham as suas boas razões a fazer valer, ou, antes, que a idéia ridícula de negar a existência de nós próprios não lhes é favorável justamente por causa da impossibilidade de fornecer a prova absoluta da existência do universo. Isto não impede, absolutamente, que todos convenham que os filósofos idealistas não têm razão, pois se, ao invés de contestarem a existência do universo, entregando-se a especulações metafísicas, tivessem examinado as inúmeras provas relativas, pelas quais se demonstra que algo existe, então teriam alcançado a respeito esta certeza prática, filosófica e científica, que basta e deve bastar em face da razão. Segue-se daí que exigir a prova absoluta, a propósito de uma hipótese qualquer, significa ter prazer em fazer ironia descabida ou, então, demonstrar insuficiência filosófica, científica e lógica. Seja como for, observo que, como ninguém ainda pensou em pedir a prova absoluta relativamente a qualquer outra hipótese científica, é estranho e inexplicável que esta prova seja agora exigida tantas vezes e de modo tão peremptório. A propósito da hipótese espírita, o último a pedi-la foi o dr. William Mackenzie, o que prova a cegueira com que os partidários do aniquilamento final lutam em defesa das suas idéias.

Concluindo, é certo que, apesar das pretensões absurdas do misoneísmo humano, o que é preciso para demonstrar, pelo método científico, a existência e a sobrevivência da alma, deve ser absolutamente análogo ao que se pede para se chegar à demonstração científica de uma outra hipótese qualquer, pertencente a qualquer outro ramo do saber humano.

Ora, sabe-se que o que se exige a este respeito consiste nisto: que, em consequência da análise comparada dos fatos, resulta claramente que os fatos em questão convergem todos para a demonstração da validade da hipótese a examinar. O que acontece no exame dos fenômenos mediúnicos – tanto anímicos quanto espíritas – é que convergem todos para a demonstração da existência e sobrevivência da alma. Os fenômenos anímicos para aí convergem, com efeito, pois que provam a existência, no homem, de uma personalidade integral subconsciente, bem superior à personalidade consciente, dotada de memória perfeita e de faculdades supranormais maravilhosas, independentes da lei da evolução biológica. Os fenômenos espíritas para aí convergem da mesma maneira, demonstrando, pelos fatos, a sobrevivência dessa personalidade integral subconsciente que os fenômenos revelaram. Em outras palavras: ressalta da análise comparada dos fatos que os fenômenos anímicos e os espíritas são complementares uns dos outros e isto até o ponto que, sem animismo, o espiritismo perderia a sua base. Vê-se, por isto, toda a inanidade e a superficialidade da lógica adversária, que se ilude em empregar os fenômenos anímicos para combater os fenômenos espíritas.

Eis aí a síntese conclusiva que ressalta, espontaneamente e inabalável, da análise comparada de toda a fenomenologia metapsíquica e esta feliz solução experimental

do formidável problema do ser pareceu tão evidente e imponente ao professor James Hislop que ele não vacilou em escrever a respeito o seguinte:

“As provas cumulativas convergentes em favor da hipótese espírita parecem de tal modo inabaláveis que eu não hesito em declarar que elas são absolutamente equivalentes e mesmo superiores às sobre as quais se baseia a teoria da evolução.” (*Contacts with the other world*, pág. 328).

Tudo isto de um modo geral. Voltando ao caso de que me ocupei, observo que os nossos próprios contraditores não poderão deixar de reconhecer que todas as provas racionalmente exigíveis de um morto, que se propõe provar a sua identidade, foram fornecidas, desta vez. Deve-se, então, admitir que, se um caso análogo de “convergência de provas”, a favor de uma dada hipótese, se verificou em outro ramo do saber humano, não se poderá deixar de proclamar logo a validade inabalável da hipótese discutida, o que equivale a reconhecer o nosso pleno direito científico de concluir no mesmo sentido, afirmando que o caso de Oscar Wilde traz uma outra jóia esplêndida para o colar precioso de provas experimentais, da existência e da sobrevivência da alma.

Notas:

-
- i Wilde era irlandês de nascimento, pois nasceu em Dublin, e a sra. Travers-Smith chamava-se, em solteira, Hester Dowden. (N.T.)
 - ii *Criptomnesia* – Hipótese segundo a qual o sensitivo teria a faculdade da leitura, na mente dos presentes, de fatos ou coisas conhecidos deles em qualquer época, mas esquecidos no momento da experiência.
 - iii *Criptestesia* – Hipótese que consiste no conhecimento de fatos ou coisas que o médium tem pela percepção espiritual, e não pelos órgãos normais.